

Os Compositores

30/05/99

Alguns violoncelistas amigos que pelejam em torno da Primeira Suite de Bach para violoncelo solo e gostaram da interpretação da Quinta Suite que ouvimos no domingo passado pelo violoncelista Mischa Maisky pediram-me para mandar no ar justamente a Suite número Um em Sol Maior.

E pois que pôr um erro de pontaria alguns compassos dessa suite apareceram erradamente na passada transmissão antes da Suite número Cinco, vamos ouvir essa primeira suite na íntegra. A suite começa com

um prelúdio cujos primeiros compassos aparecem freqüentemente num comercial da TV Globo. Esse prelúdio é marcado pela constante presença rítmica de acordes desenvolvidos em seqüências de semi-colcheias e elegantemente distribuídos em diferentes tonalidades vizinhas à tonalidade de sol maior muito boa do ponto de vista violoncelístico, com um caráter quase didático mas eminentemente musical, como se Bach conseguisse alcançar gradativamente as possibilidades da escrita para esse instrumento, que já estava deixando ou quase no esquecimento a viola da gamba sua progenitora, que mais tarde ainda faria alguma aparição na música

rococó. A Alemã seguinte é de caráter nobre e sereno, como todas as outras danças da suite, com exceção do minueto, e construída em forma binária, isto é, dividida em duas partes, ambas repetidas. A primeira parte expõe e desenvolve um tema modulando para a tonalidade da dominante, isto é, mudando de uma tonalidade para outra; a segunda parte, depois de um período de transição retorna ao tema e à tonalidade fundamental.

Música

Prélude/Allemande (7:16")

Disoc : 01 CD: 01 Faixas: 01 e
02

Segue uma corrente muito viva e brilhante de interessantes jogos rítmicos e de possibilidades instrumentais. Vem depois uma sarabanda que, como já sabemos, é uma dança de origem espanhola outrora viva mas no barroco já lenta e intensamente expressiva.

Ao contrário do que Bach costuma fazer com suas imensas frases quase sem solução de continuidade aqui a estrutura nos mostra um exato paralelismo quaternário, isto é, de períodos compostos de quatro frases cada uma das quais com a duração de quatro compassos.

Música

Corrente/Sarabanda (6:43")

Disoc :01 CD: 01 Faixas: 03 e 04

À Sarabanda segue um Minueto dança típica da época que já estava invadindo os palácios senhoriais e que na música instrumental permanecerá até o 1º Beethoven, quando as outras danças já teriam desaparecido ou ficado apenas como citações culturais de um tempo acabado. O Minueto dessa suite é elegante e quase galante, e a ele o 2º Minueto serve de trio.

De fato a estrutura do Minueto é a seguinte: uma 1º parte repetida com a sólita passagem de tonalidade e uma 2º parte também repetida. A isto segue um trio, que no nosso caso é o Minueto II, com a mesma estrutura do

Minueto; finalmente há um retorno do Minueto sem repetições. Pôr isto, o Minueto pode ser considerado uma estrutura ternária (Minueto-trio-minueto) com infra-estruturas binárias. A Suite termina com uma giga, dança, como sabemos de origem inglesa vivaz instrumentalmente rica e ao mesmo tempo singela.

Música

Minueto I e II/ Giga (5:09")

Disco: 01 CD: 01 Faixas: 05 e 06

Voltando ao nosso itinerário internacional, que de ora em diante chamaremos de "Retratos Musicais de Diferentes Nações", vamos enxergar um fragmento de Espanha

com os olhos e a sensibilidade de Claude Debussy. Trata-se de um de seus prelúdios para piano que leva como título “La Puerta del Vino”. Esse prelúdio nasceu de um cartão postal ilustrado que de Granada Manuel De Falla enviou a Debussy em Paris: no cartão a fotografia de La Puerta del Vino, uma torre colocada na entrada da Alhambra e sede no século XIII da aduana árabe, bem em frente aos jardins do generalife. Debussy interpretou muito bem o colorido cartão de De Falla num típico rítmico de fandango com ousadas dissonâncias e em dois movimentos até de politonalidade, escrevendo no início da composição que ela deveria ser tocada com

violentos contrastes de agressividade e ternura sentimental, como é típico de todas as expressões gitanas.

Música

La Puerta del Vino(3:36”)

Disco: 02 Faixa : 03

Ainda estamos na Espanha e com um espanhol, o compositor Joaquin Rodrigo, o qual, apesar de cego soube captar sons e cores e perfumes da sua terra com extrema sensibilidade. Com ele estamos em Aranjuez , uma linda localidade pouco distante de Madri, a beira de um rio povoado de salgueiros. Lá havia outrora a residência estiva dos Reis da Espanha. Imaginamos então

esse lugar em pleno século XVIII, com seus elegantes palacetes, seus bosques, seus animais ^{SILVESTRES} selvagens, seus pavilhões de encontros secretos, suas danças e suas festas. A peça é dividida em três andamentos, um allegro com spirito, um adagio, em allegro gentil. Apesar de se bonita a peça em toda a sua extensão, o ponto alto sem dúvida está no adagio central que evoca a nossa imaginação uma noite de luar, um colóquio íntimo sob as árvores um momento de música quente e espiritual ao mesmo tempo. Nos dois allegros do concerto é bastante evidente o espírito de dança, quase mais popular no 1º e mais palaciana no último, bem definido pelo ^{AUTOR} ~~cantor~~ como gentil.

Toca o guitarrista Narciso
Yepes com a Orquestra Sinfônica
Espanhola regida p^or Odón Alonso.

Música

Concerto de Aranjuez (22:38”)

Disco: 03 Faixas : 01 a 03